

PAULO MENDES DA ROCHA RECEBE TÍTULO  
DE PROFESSOR EMÉRITO DA FAUUSP

Paulo Mendes da Rocha  
Hugo Segawa

220

pós-



Candida Maria Vuolo

## SAUDAÇÃO

O título de professor emérito é uma das dignidades concedidas pela Universidade de São Paulo *“a seus professores aposentados que se hajam distinguido por atividades didáticas e de pesquisa ou contribuído, de modo notável, para o progresso da Universidade”*, como reza seu Estatuto.

Graduado arquiteto pela Universidade Mackenzie, Paulo Archias Mendes da Rocha nunca deixou de evidenciar seu vínculo com a Universidade de São Paulo. Em seu memorial do concurso de provimento para professor titular nesta Casa, de 1998, escreveu: *“minha formação, posso afirmar, foi marcada pela Universidade de São Paulo, desde muito cedo na engenharia de meu pai, professor da Escola Politécnica, e na lição de João Baptista Vilanova Artigas, por cujas mãos entrei nesta Escola. Minha vida acadêmica não pôde ser regular como é sabido, e este momento (do concurso) assume uma dimensão de ordenação da nossa casa tão amada e respeitada. Cumpre-se assim uma promessa, antes de mais nada, para que todos nós nestes espaços possamos sempre olhar o futuro com esperança amparada, na memória do trabalho de São Paulo, na estimulante multidisciplinariedade solicitada pela Arquitetura e na educação de nossos alunos.”*

Paulo Mendes da Rocha foi professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo entre 1961 e 1998, ano de sua aposentadoria, ao completar 70 anos de idade. Foi afastado desta Casa entre 1969 e 1981, por força do regime de exceção. A outorga desse título não pode ser vista como um reparo. É, antes de tudo, o reconhecimento aos muitos professores que lutavam por uma Universidade mais crítica.

As premiações nas artes e nas ciências, para além de sua aparência de celebração que honra aqueles que as recebem, ajudam a caracterizar os valores que legitimam as propostas e realizações e oferece-nos condições para compreender os consensos e dissensos em torno de pensamentos e práticas. Não obstante o reconhecimento de seus conterrâneos, foi somente após deixar formalmente a Universidade que Paulo Mendes da Rocha ganhou distinção fora de nossas fronteiras. A peculiaridade dos galardões em arquitetura no plano internacional, relativamente poucos, é que as honrarias alimentam um sistema de prestígio a resultar aos laureados participarem de uma seleta comunidade de eleitos. A formação do *jet set* da arquitetura passa pela filtragem dessas

premiações: para alguns arquitetos, significará uma carteira mais recheada de projetos; para outros, um reconhecimento simbólico por seus pares e apreciadores do refinamento cultural e estético que envolve a arquitetura. Nem sempre essas duas condições se sobrepõem ou dialogam. A outorga do Prêmio Pritzker em 2006 para Paulo Mendes da Rocha o introduziu no universo daqueles com reconhecimento simbólico.

Distintamente da maioria de seus internacionalizados colegas quando da premiação, Paulo Mendes da Rocha tinha todas as suas obras construídas no Brasil. Devemos creditar uma respeitável parte da divulgação do brasileiro no cenário internacional ao crítico espanhol Josep Maria Montaner, que viabilizou, com a Gustavo Gilli, a publicação da primeira monografia sobre o arquiteto (primeira até no Brasil) em 1996, em uma coleção que conheceu grande penetração editorial na Europa. Naquele momento, a inauguração do Museu da Escultura criava um fato no meio arquitetônico e uma referência na arquitetura brasileira. Timidamente, o trabalho de formiga de alguns críticos brasileiros em divulgar nossa arquitetura lá fora, a elucidar a presença e significado de Mendes da Rocha no cenário local, foi alimentando as especulações sobre o brasileiro no cenário internacional.

O primeiro reconhecimento europeu foi na homenagem que Paulo Mendes da Rocha recebeu por ocasião da I Bienal Iberoamericana de Arquitectura e Ingeniería, em Madri, no ano de 1998, com os arquitetos Fernando Távora e Francisco Javier Sáenz de Oíza – como a outorgar honrarias aos já no inverno de suas carreiras. O 2º Prêmio Mies van der Rohe de Arquitetura Latino-americana, concedido à obra da Pinacoteca do Estado em 2000, deu-lhe uma enorme visibilidade internacional e mostrou a fértil vitalidade de um arquiteto cujas manifestações arquitetônicas resintonizavam-se com o que se realizava no mundo. Mas, na realidade, não mais eram que o resultado pleno de uma expressão a qual já se apontava, em sua magnitude, desde os anos 60. Vale recordar Jorge Luís Borges, com seus intrigantes aforismos: *“somos algo cambiante e algo permanente. Somos algo essencialmente misterioso. [...] Dizemos: ‘a planta cresce’. Não queremos dizer com isso que uma planta pequena é substituída por outra maior. Queremos dizer que essa planta se converte em outra coisa. É a idéia da permanência no fugaz.”*

Annete Spiro, arquiteta suíça e autora de um dos poucos livros sobre Mendes da Rocha, confidenciou-me que seu trabalho ficou um bom tempo esperando na mesa dos editores da suíça Niggli, que somente se animou a publicá-lo em 2002 após o Prêmio Mies van der Rohe, colhendo inesperados bons resultados editoriais. O reconhecimento em arquitetura passa antes pela legitimação de prêmios e publicações e, sobretudo, pelo rompimento de preconceitos. Recordo-me que quando o saudoso crítico e historiador espanhol Ignasi de Solà-Morales esteve em São Paulo para o julgamento do Prêmio Mies van der Rohe em 2000, ele ficou impressionado com o prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, de Vilanova Artigas, e nele distinguiu alguns antecedentes de Paulo Mendes da Rocha. Cobrou-me: *“Por que vocês nunca divulgaram esta arquitetura?”* Respondi-lhe, entre irritado e contido: *“Porque vocês nunca se interessaram!”* Não foi por falta de esforço em inserir a arquitetura contemporânea brasileira no circuito internacional que nosso reconhecimento lá fora andou baixo.

A Pinacoteca do Estado e o Centro Cultural FIESP (outro finalista do Prêmio Mies van der Rohe) não foram obras valorizadas na premiação por uma exposição midiática antecipada. Posso testemunhar, como membro do júri, que não havia informações sobre a Pinacoteca de antemão e seu reconhecimento se deu por unanimidade na decisão final. O Prêmio Pritzker legitimou, no universo midiático do *jet set* da arquitetura internacional, uma figura singular da cultura contemporânea latino-americana. Um reconhecimento que faz os olhares internacionais se voltarem à arquitetura no Brasil, que, felizmente, também pode mostrar outras arquiteturas para além de Niemeyer e Mendes da Rocha. A premiação ajudou a refinar o olhar sobre nós. Não só do mundo, mas, principalmente, dos brasileiros mesmos, que parecem desconhecer nossa própria arquitetura. Que falta ela nos faz!

Paulo Mendes da Rocha é um dos grandes arquitetos que desenvolvem uma linguagem personalizada, independentemente de tipologia ou escala da intervenção arquitetônica. Sua obra é de imediato reconhecimento, como a de seu colega de geração Álvaro Siza e do mais jovem Tadao Ando, entre outros, capazes de desenvolver arquiteturas com impressionante inserção na paisagem, de maneira criativa e provocadora.

Pensando nas matrizes de Siza ou Ando, e, sobretudo, nos contemporâneos latino-americanos do brasileiro, emergem relações de afinidades: o colombiano Rogelio Salmona com Alvar Aalto e Louis Kahn; o venezuelano Jesús Tenreiro com Le Corbusier e Louis Kahn; o argentino Clorindo Testa e Le Corbusier; o mexicano Ricardo Legorreta com Luís Barragán e Louis Kahn. No Brasil, os arquitetos são tributários de um grande mestre nativo: Oscar Niemeyer – o qual, mesmo sendo um seguidor de primeira ordem de Le Corbusier, criou uma linguagem própria em que muitos brasileiros das gerações posteriores se abeberaram – a favor ou contra – enquanto referência.

Paulo Mendes da Rocha preservou suas afinidades com a arquitetura brasileira dos anos 50 e 60, mas, à sua maneira, com personalidade. Esteve avesso ao oportunismo das grandes “revisões de pensamento”, geradas pela polêmica do pós-moderno; foi criticado pelos racionalistas ortodoxos e funcionalistas pragmáticos e esteve desalinhado com as correntes mais nítidas da arquitetura internacional do espetáculo. Lembro Octávio Paz: *“a modernidade começa como uma crítica da religião, da filosofia, da moral, do direito, da história, da economia, da política. A crítica é seu traço diferencial, seu sinal de nascimento. Os conceitos e idéias cardeais da idade moderna – progresso, evolução, liberdade, democracia, ciência, técnica – nasceram da crítica.”* A visão arquitetônica de Paulo Mendes da Rocha está impregnada de uma *necessidade de modernidade* condizente com um ideal de Brasil. Mas modernidade sem a perda de uma identidade universal, ou o que o significado de modernidade tem de comum para todas as culturas ocidentais.

Qual mundo novo é esse? É a especulação por uma outra realidade, fundada na idéia de uma revolução, na ruptura com o passado imediato. O desencanto com uma condição brasileira de atraso e dependência, mas de desenvolvimento latente, a perseguir um futuro promissor, sobrepujando os contrastes típicos de um país de extremos econômicos e sociais. Um ideal de emancipação cultural requerendo uma contemporaneidade própria. O domínio tecnológico como processo emancipador; a elaboração de estéticas que contenham níveis de



racionalidade, dando expressão de beleza às necessidades; o olhar e o pensar o cotidiano e a vida em suas dimensões essenciais são utopias que permeiam o trabalho do arquiteto brasileiro. Esse essencialismo é uma das chaves para o entendimento da obra de Paulo Mendes da Rocha: uma intuição que busca apreender não só as características estruturais comuns das coisas, mas a unidade superior que relaciona a arquitetura, a arte, a política, a vida.

A arquitetura de Paulo Mendes da Rocha se reconhece mais nas formas fundamentais de seus edifícios que em seus elementos particularizados, nos detalhes. São conceitos fortes materializados em formas coerentes e dominantes que não se habilitam à heterogeneidade e às ambigüidades. Ao buscar o essencial, o arquiteto permanentemente refaz uma mesma trajetória atrás dessa essência. Ele nunca estabelece um caminho de volta, um retorno, um recomeço para cada obra. Há sempre um fio condutor, aproveitando um caudal de idéias ricas ou estimulantes que, agregadas à capacidade de criar, conduzem a soluções originais e inesperadas. Valores universais cuja depuração sintetiza o mínimo, transformando a concisão no cerne da espiritualidade. Ao depurar o essencial dos valores, cria uma visão própria de mundo, rejeitando um vasto e supostamente inarticulado universo externo, excluindo outras medidas de referência que, certamente, tornam mais difíceis a comunhão dessas essências e a fruição dessa arquitetura. Caminha-se para a introspecção. Dois extremos da experiência poética e humana: a comunhão e a solidão. A essência como uma dimensão poética do recolhimento introspectivo.

**Hugo Segawa**



Candida Maria Vuolo

## TRANSCRIÇÃO DO DISCURSO

Meus cumprimentos aos ilustríssimos colegas aqui presentes, muito particularmente ao senhor representante do reitor da Universidade de São Paulo, ao senhor diretor desta Faculdade, ao meu querido colega representante do Departamento de Projeto, ao meu caro amigo que me saudou, ao senhor representante, o qual muito me honra, da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, aos meus ilustres e prezadíssimos amigos, colegas professores e, com atenção especial, àquilo que é o próprio objeto de uma escola, aos senhores alunos.

Mais uma vez estamos diante da inexorável condição humana da contradição. Nesse momento eu estaria sem palavras, como se diz; entretanto, devo falar. E faço isso com enorme prazer porque, afastado já há algum tempo desta Escola e, portanto, saudoso, é uma grande alegria estar aqui, com toda a dificuldade que isso possa acarretar, estar agora entre tantos de meus queridos amigos.

Penso que cabe dizer que a presença das pessoas, o convívio estreito, como ressaltou o colega em sua saudação, é insubstituível em nossa vida acadêmica.

Sobre isso queria dizer duas palavras sobre meu curso de arquitetura, trazendo até aqui algumas de minhas mais candentes memórias. Vejo o privilégio de ter sido aluno de Christiano Stockler das Neves, figura exemplar enquanto dignidade da pessoa e consciência sobre a posição do arquiteto na sociedade. Um homem com desenhos extraordinários, alguns deles dos mais belos, guardados nos arquivos da biblioteca desta Faculdade, qual possa ser o projeto da Estação da Sorocabana, aqui em nossa cidade, o projeto do Ministério da Guerra no Rio de Janeiro... Recebi aulas do grande engenheiro Roberto Rossi Zuccolo, introdutor, no Brasil, do sistema do concreto protendido, ou seja, um homem na vanguarda das técnicas, representando o Sistema Freyssinet entre nós, que calculava e construía obras notáveis.

No Departamento de Projeto daquela escola, fui aluno do arquiteto Elisário Bahiana, um carioca. Figura exemplar, belíssimo arquiteto, desenhou o viaduto do Chá, a praça do Patriarca, a Casa Mappin. Um arquiteto que, com seu exemplo, marcou meus primeiros anos de estudo. E um cidadão, um artista, pintor, professor de desenho artístico, indispensável a um curso de arquitetura, que foi para mim uma revelação muito interessante. Revelação no sentido de, antes de ensinar, dizer de coisas que eu já sabia e não sabia o valor daquele saber. Desenhar, pintar aquarelas, modelos vivos, o professor Pedro Corona.

Esses homens tiveram para mim uma influência e uma força decisiva naquilo que se possa chamar minha formação.

Agora, vejam os senhores, como fui sempre afortunado, como dizem os italianos, em minha vida! Assim, já talvez, digamos de modo inaugural, bem formado, fui convidado por Vilanova Artigas para vir lecionar nesta Escola e reinaugurar, na minha vida, um novo aprendizado extraordinário. Fui surpreendido com esta Escola, no momento em que ela se refazia, digamos assim, renascia sobre si mesma, particularmente pelas mãos de Vilanova Artigas e Flavio Motta. Originária da Escola Politécnica enquanto curso de arquitetura, fundava-se esta Escola, na rua Maranhão, recompondo, naquele momento, todos os horizontes do que podia ser, efetivamente, uma escola independente dentro da Universidade de São Paulo. Foi um momento extraordinário porque vi, com clareza, aquilo que é o privilégio particular desta Escola, a associação inexorável, mas nem sempre cultivada como e com a força com a qual se deve cultivar, a visão crítica e a visão técnica. Uma engenharia que reflete sobre si mesma quanto à questão de sua importância na construção da habitabilidade do planeta, qual seja a posição da arquitetura.

Uma escola que sempre formulou, cultivou, de maneira concisa, a técnica e a crítica. Essa é a chave desta Escola que vi inaugurar naqueles momentos difíceis.

Foram momentos difíceis quando, logo depois, vieram os infames anos repressivos neste país e aqui nesta Escola; naqueles tempos, foi possível ver o aparecimento do prestígio da Faculdade de Arquitetura coordenando, com seu diretor, o arquiteto Luis Ignácio de Anhaia Mello, os novos projetos desta Cidade Universitária. Depois, nos anos que se sucederam durante a repressão, em clara frente de resistência, instalando nesta Faculdade, quero lembrar, ilustríssimas figuras desta Universidade que dirigiram nossa Escola, Lourival Gomes Machado, Cândido Lima da Silva Dias, os reitores notáveis, Antônio Barros de Ulhoa Cintra, Hélio Lourenço de Oliveira, fizeram ficar clara a importância desta Faculdade de Arquitetura e Urbanismo no âmbito da Universidade de São Paulo.

Eis que, se quisermos passar para os dias de hoje, surge a questão de já não termos dúvida quanto à fragilidade do planeta e coisas que nesta Escola sempre se disse, convocando os melhores pensadores, que o mundo moderno – e para nós isso significa que a palavra moderno não se refere a um estilo, mas a uma reflexão sobre a condição humana – inaugura-se com Galileu e Colombo. É o momento da inauguração do mundo moderno.

Não se discute, não se duvida que vivemos submetidos às leis da mecânica celeste em um frágil planeta desamparado no Universo. Entretanto, com algo que possa também comprovar as leis da ciência, a coragem dos homens, as navegações, a descoberta da América.

Esta Faculdade, com seu raciocínio sobre arquitetura enquanto arte, ciência e técnica, a um só tempo, faz ver que se cometeu, já na época, um grande engano ao dizer que se descobriram terras e não outros homens. Desprezamos aqueles que já estavam aqui, cometemos um trágico engano ao anunciar esses descobrimentos como um panegírico para o mundo, não reconhecendo um saber que está na origem da própria existência humana, a urgência em estabelecer a consciência e a linguagem de modo concomitante. Hoje, fica claro que este momento há de ressurgir, como aquilo que poderia se dizer – é a característica de nosso tempo, uma revisão crítica do colonialismo.

Estamos juntos, os habitantes do planeta, para enfrentarmos um futuro que, muitos aspectos fazem ver, está ameaçado pelo mau e errático desempenho humano.

Somos os responsáveis por nossa própria existência.

Essa convocação de imagens que todos conhecemos visa a uma conclusão neste momento, uma forma de saudação entre nós, pode-se dizer que agora a arquitetura não se preocupa mais em como fazer, já que podemos fazer qualquer coisa, diante dos recursos técnicos que temos e a arquitetura se volta para dizer o quê fazer. Podíamos inaugurar o que esta Escola sempre desejou, inaugurar sua presença na Universidade para construir o futuro com uma idéia de a arquitetura possuir uma importância muito significativa, talvez fundamental no âmbito da Universidade, porque não se trata de desfrutar do conjunto do conhecimento que está à disposição, mas, ao contrário, solicitar o raciocínio, solicitar a técnica, a reflexão sobre a sustentação da vida humana no Universo.

São momentos que estimulam uma reflexão sobre a posição da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo no âmbito da Universidade.

Da monumentalidade da transformação da natureza que para nós nunca foi simples paisagem, mas um conjunto de fenômenos. Para que possamos imaginar qual seriam os desenhos da cidade para todos, já que, pela primeira vez na história da humanidade, de fato, todos nos conhecemos e o mundo inteiro agora se freqüenta.

Países da América que, particularmente, assistiram à indignidade da escravidão, hoje compreendem que temos de associar-nos aos africanos, com os asiáticos, em um momento inaugural no mundo e, talvez, inaugural no sentido de qual a posição para a arquitetura, talvez uma forma de ampliar o conhecimento.

Digo isso não como um mestre que cobra o futuro das ações de nossa comunidade, ao contrário. Digo como uma grande esperança, uma vez que temos mais ou menos claro, sem, no entanto, um projeto definido, qual o objetivo de nossa condição dentro desta Escola.

Portanto, meus votos são para que aquilo que vi como inauguração no campo da arquitetura – essa luminosa reflexão entre arte, ciência e técnica, permita que eu convoque hoje, para que compareçam entre nós, mais uma vez, essas duas figuras e seus pensamentos, Flavio Motta e Artigas, para sustentar, enquanto memória e emoção, os projetos que faremos para o futuro.

É o que eu queria dizer para os senhores.

**Paulo Mendes da Rocha**